

Tradições e Práticas Culturais: Entre o Linho e os Sertões (do Araguaia)

Francisquinha Laranjeira Carvalho

Especialista em Patrimônio Cultural e Mestre em História Cultural

Palmas, 07/11/2025

Resumo

Este artigo aborda as tradições culturais relacionadas ao uso do linho como vestimenta, destacando sua origem milenar, seu valor simbólico e sua presença nos sertões brasileiros — com ênfase no sertão do Araguaia, território marcado por paisagens exuberantes e práticas ancestrais. A reflexão se estende à relação entre tradição e transformação, com base em autores como Fernand Braudel, Euclides da Cunha e Francisquinha Laranjeira Carvalho.

Do Oriente ao Araguaia: A Jornada Cultural do Linho

As tradições culturais são como fios que tecem a identidade de um povo. Entre elas, o uso de roupas feitas de linho. Essa prática atravessa gerações e fronteiras. A confecção de vestimentas em linho carrega consigo significados que vão além da estética: simboliza leveza, pureza e conexão com a natureza.

Originária de culturas do Oriente Médio, a tradição de confeccionar roupas remonta a práticas milenares que valorizam a durabilidade e o simbolismo espiritual dos tecidos naturais. O linho, por sua origem vegetal e seu processo artesanal, sempre esteve associado à simplicidade e à nobreza — uma dualidade que atravessa tempos e territórios.

No Brasil, especialmente nos sertões — regiões marcadas por clima semiárido, vegetação rala e forte presença da agricultura familiar — essa prática encontrou solo fértil, tanto no sentido literal quanto simbólico. Nessas paisagens de sol inclemente e ventos secos, o linho se revelou um aliado natural. Por ser um tecido leve, fresco e altamente respirável, ele proporciona conforto térmico essencial para quem enfrenta longas jornadas sob o calor escaldante. Além disso, sua resistência o torna ideal para o uso cotidiano, suportando bem o desgaste das atividades rurais, como o cultivo da terra, o pastoreio e os deslocamentos a pé ou a cavalo.

Mais do que uma escolha prática, o uso do linho nesses contextos passou a carregar também um valor simbólico: vestir-se de linho tornou-se, em muitos casos, um sinal de dignidade, cuidado e respeito às tradições locais. Em festas religiosas, casamentos e celebrações comunitárias, o linho aparece como elemento de distinção — tecido que une o corpo à memória ancestral.

Esse cuidado com o linho não se limitava ao ato de vestir. Havia também uma atenção especial com sua manutenção. Destacam-se, em especial, as lavadeiras, figuras

centrais da cultura popular brasileira, com atenção às beiradeiras e ribeirinhas do Araguaia, cuja presença nas margens do rio revela saberes ancestrais e práticas de cuidado que atravessam gerações. Sentadas em bancos de madeira, dentro do rio, dedicavam-se com esmero às roupas de linho dos barões e das elites locais. Após a lavagem, engomavam cuidadosamente cada peça e as passavam com ferro à brasa, num ritual de precisão e respeito. Vez por outra, porém, acontecia o indesejado: uma peça de linho era queimada. Uma tragédia! E que tragédia...E não era uma perda qualquer, era uma verdadeira tragédia: crucial, dolorosa, irreparável. Não apenas pelo valor material, mas pelo peso simbólico que aquela roupa carregava. Queimar uma peça de linho significava romper um elo entre o corpo e a memória, entre o tecido e a tradição. Era como apagar, ainda que involuntariamente, um traço da dignidade e da história de quem a vestia.

Com o passar do tempo, “tempo quase imóvel da vida coletiva” (Braudel, 1984), o uso dessas roupas deixou de ser apenas funcional e passou a integrar o imaginário cultural, presente em festas, celebrações religiosas e até em rituais de passagem. Práticas culturais como estas, quando repetidas e transmitidas, tornam-se tradições. E é aí que reside sua força e também sua complexidade. Como observou Fernand Braudel, “o tempo longo é o tempo das estruturas, o tempo quase imóvel da vida coletiva” (Braudel, 1984) — e é nesse tempo profundo que as tradições se enraízam, moldando silenciosamente os modos de ser e viver.

Tradições sobre as quais muitos pesquisadores têm se debruçado: seriam todas, de fato, saudáveis? E, por quê? A resposta não é simples. Algumas tradições promovem pertencimento, autoestima e preservação da memória coletiva. Outras, no entanto, podem perpetuar desigualdades, exclusões ou práticas nocivas. O debate é necessário, pois a cultura é viva — e como tal, deve ser constantemente revisitada, questionada e, quando preciso, transformada.

Nos sertões dos Brasis, onde o tempo parece correr em outro ritmo, o linho continua a vestir corpos e histórias. Como escreveu Euclides da Cunha, “o sertanejo é, antes de tudo, um forte” (Cunha, 1902) — e é nessa força silenciosa que as tradições se mantêm vivas, mesmo diante das transformações do mundo.

Como descrevo em *Nas águas do Araguaia: a navegação e a hibridéz cultural*, “o sertão do Araguaia é um sertão habitado. É um ambiente caracterizado por riquezas naturais e culturais, onde muitos costumes antigos tornaram-se tradições. Os caprichos da natureza oferecem alimentação em abundância àqueles que o procuram” (Carvalho, 2021, p. 45). Essa paisagem exuberante, entre buritizeiros e bacabais, revela que o sertão não é ausência — é presença. Presença de vida, de memória e de resistência.

É o sertão vestido de linho, tecido por mãos que preservam e transformam. Tradições que habitam o Sertão do Araguaia nos vestígios do linho — vestígios que falam de cuidado, dignidade e pertencimento.

Cada fio tecido é também uma pergunta: o que mantemos por respeito à ancestralidade, e o que mudamos por compromisso com o futuro?

Referências

BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris: Armand Colin, 1984.

CARVALHO, Francisquinha Laranjeira. *Sertões do Araguaia: cultura, natureza e resistência*. Palmas: Editora Tocantina, 2021.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1902.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.